

Sociedade Brasileira de Geologia

NÚCLEO NORDESTE

XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE **GEOLOGIA**

BOLETIM Nº 01

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES



RECIFE - 1978

DEDALUS - Acervo - IGC



30900001792

quase sempre recristalizadas pela influência de intrusão sienítica. A observação microscópica do nefelina sienito revela ser zonado o piroxênio, com núcleos de augita aegirínica e bordas geralmente finas de aegirina. Titanita é um acessório comum. Esta fácies sienítica, aqui chamada de "nefelina sienito híbrido", é uma rocha de tendência miaskítica e provavelmente antecessor intrusivo de outros tipos agpaiticos aflorantes nas vizinhanças.

O MACIÇO SIENÍTICO DE CALDAS, MG

ANDREAS A.M. WINTERS

SAIV - SOCIEDADE ANÔNIMA INDUSTRIAS VOTORANTIN

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS - UNESP - CAMPUS DE RIO CLARO

HEINZ EBERT

Os mapas e levantamentos geológicos até hoje realizados e publicados, indicam na borda E-SE do Maciço Alcalino de Poços de Caldas, uma ocorrência de rochas feníticas resultantes de uma forte dessilicificação e metassomatismo alcalino, quando da intrusão do Maciço.

Trabalhos de campo e estudos petrográficos, estruturais e geocronológicos revelam que na realidade, trata-se de uma intrusão de rochas sieníticas, referível ao pré-Cambriano Superior, em rochas graníticas e migmatíticas do Grupo Pinhal.

As características que levam a tais afirmativas são as seguintes:

1 - Estrutura fluidal no Maciço sienítico, principalmente na borda externa, o que pode indicar uma penetração forçada. Diaclasamento perpendicular à estrutura, evidenciado às escalas macroscópica e microscópica.

2 - Zoneamento mineralógico: a borda externa do Maciço ostenta composição saturada, caracterizada pelos minerais essenciais (ortoclásio, egrina-augita, hornblenda e biotita) até insaturada com presença de nefelina. Na parte interna, junto ao Maciço Alcalino de Poços de Caldas a composição é supersaturada (ortoclásio, diopsídio, hornblenda, biotita e até 6% de quartzo).

3 - Idades radiométricas: determinações radiométricas pelo método K-Ar, através de minerais isolados, comprovam idades referíveis ao Ciclo Brasileiro. Outras medidas efetuadas em rochas sieníticas tardi e postectônicas do Grupo Pinhal, através do método Rb-Sr (rocha total), também que as mesmas pertençam ao mesmo ciclo.

PETROLOGIA DO COMPLEXO DE ROCHAS ULTRAMÁFICAS E ALCALINAS DE SANTA FÉ, GOIÁS

ANA MARIA SOARES DE SOUSA

CARLOS A.R. DE ALBUQUERQUE

NÚCLEO DE CIÊNCIAS GEOFÍSICAS E GEOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

VICENTE ANTONIO VITORIO GIRARDI

DEPARTAMENTO DE MINERALOGIA E PETROLOGIA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO

O complexo de Santa Fé é constituído por um núcleo de dunito envolvido por peridotito e piroxenito, a que se associam rochas alcalinas como leucita peridotito, missourito, essexito e malignito, algumas das quais ocorrem em intrusões individualizadas. Este conjunto é cortado por

rochas filoneanas - lamprófito, mica peridotito e fonolito. As rochas ultramáficas normais (dunito, peridotito e piroxenito) predominam sobre as alcalinas. Processos de diferenciação magmática com separação gravitacional de cristais podem explicar as variações mineralógicas observadas neste grupo.

Os leucita peridotitos são mineralogicamente semelhantes aos peridotitos normais a exceção da ocorrência de leucita e os missouritos contêm olivina e piroxenio de composição semelhante à dos mesmos minerais dos peridotitos. Os essexitos e malignitos diferem das ultramáficas alcalinas tanto na ocorrência de nefelina e álcali feldspato como na composição do piroxenio e olivina.

A composição química das ultramáficas alcalinas é difícil de explicar por diferenciação a partir de um magma de composição normal mas sugere que uma fusão félsica teria sido adicionada a um magma normal. Os essexitos e malignitos podem ser derivados por diferenciação a partir de um magma máfico-ultramáfico alcalino (possivelmente o caráter alcalino tendo sido adquirido por assimilação) embora não seja de excluir a hipótese de que estas rochas sejam derivadas de um magma máfico alcalino.

NOTA SOBRE O CORPO GABRÓIDE DE SAPUCAÍ MIRIM, MG

FRANCISCO RUBENS ALVES

SOB AUSPÍCIOS DO CNPq

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, CIDADE UNIVERSITÁRIA, SÃO PAULO, SP

Intrusão gabróide das proximidades de Sapucaí Mirim vem sendo estudada geológica e petrograficamente, como fase inicial de trabalho a ser aprofundado petrologicamente, já sendo possível, uma visão geológica geral.

O corpo tem a forma aproximada de uma pera que se estreita para sul, e no seu eixo maior, disposto aproximadamente NS, tem 5 Km; a largura atinge 2,5 Km. Ainda não se conseguiu saber, realmente, se a ponta sul é um prolongamento ou um corpo menor associado.

Em toda a borda leste e sudoeste do corpo ocorrem granitos porfíroides como encaixante. A norte e noroeste, as encaixantes são migmatitos, quartzitos e metadioritos. São comuns, dentro do corpo, xenólitos do granito, bastante modificados textural e mineralogicamente.

Texturalmente as intrusivas variam de equigranulares a porfíricas, com granulação grossa a média. Clinopiroxenitos predominam em áreas a nordeste e sudoeste da porção maior do corpo, separadas por faixa mais ampla e central de variedades de gabros e dioritos, até monzonitos e sienitos (IUGS, 1973). O que seria a ponta da "pera" apresenta rochas mais claras, centralmente, envolvidas por melagabros (IUGS, 1973).

Essas rochas são cortadas por grande número de diques centimétricos e métricos, representados por duas gerações: a primeira, de rochas escuras porfíricas de matriz fina a afanítica, com mineralogia próxima dos basaltos, e uma segunda, de rochas claras afaníticas e porfíricas, de filiação traquítica a latítica. Destaca-se, entre os diques, um possante corpo de mais de 100 m de largura, de direção NNE e colocado na borda leste da intrusão, entre esta e as encaixantes; neste dique as rochas têm natureza basáltica a latítica (IUGS, 1973). Em vários lugares ocorrem brechas que envolvem fragmentos das outras rochas existentes, inclusive das encaixantes, em massas afaníticas ou porfíricas, às vezes fluidais.

Já se pode afirmar que se trata de uma intrusão diferenciada ou múltipla (clinopiroxenitos sienitos), de tendência alcalina. Uma única amostra do corpo foi datada (método potássio-argônio), fornecendo idade de 124 m.a. (comunicação pessoal dos geólogos Rui Osório de Freitas e Bruno Miniolli).